



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

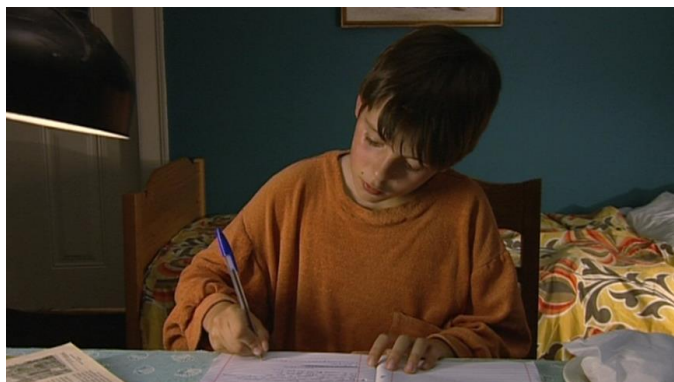
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

AMANHÃ / 2004

Um filme de Solveig Nordlund

Argumento, Realização: Solveig Nordlund *Diálogos:* Solveig Nordlund, Eduarda Dionísio *Fotografia:* Lisa Hagstrand *Som:* Pedro Melo; Nuno de Carvalho (*sonoplastia*); Branko Neskov (*mistura*) *Montagem, Assistente de realização:* Pedro Marques *Música:* Johan Zachrisson *Decoração, Guarda-roupa:* Ana Paula Rocha *Assistente de fotografia:* Manuel Mealha *Assistente de som:* Carlos Mota *Assistente de decoração:* Miguel Figueiredo *Interpretação:* Luís Simões (Nico), Carla Bolito (mãe), João Saboga (voz).

Produção: Ambar Filmes, Radiotelevisão Portuguesa/RTP, Cine-Qua-Non (Portugal, Suécia, 2004) *Direção de produção:* Manuel João Águas *Assistente de produção:* Sandra Nunes *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 15 minutos *Primeiras exposições na Cinemateca:* 3 de abril de 2004 (“Ante-estreias”); 19 de maio de 2014 (“25 de Abril, Sempre – Parte II. A Distância das Coisas | Trabalhar a Memória de abril / Primeiros Ecos na Ficção”); abril de 2020 (“Cinemateca Júnior & Cinemateca Digital”).



Com um longo historial de participação no cinema de intervenção cooperativo do pós 25 de Abril, feito à queima roupa, em cima dos vários processos revolucionários em curso, em particular no Grupo Zero, do qual foi membro fundador, Solveig Nordlund, nas obras de ficção em que revisita Abril, aborda este período, curiosamente, de forma tangencial. AMANHÃ é o segundo filme de ficção da realizadora a evocar a memória dos cravos. Fê-lo primeiro em DINA E DJANGO (83) e repete-o 20 anos depois nesta curta-metragem poética, em ambos os casos com uma abordagem filtrada – a revolução surge em pano de fundo, quase sempre fora de campo e no primeiro caso fora, também, da mira narrativa. Em DINA E DJANGO, a história trágica dum amor louco corre de forma autónoma e intocada pela revolução, embora se saiba que está a acontecer. AMANHÃ, por seu lado, dá-nos a madrugada “do dia inicial inteiro e limpo” pelo olhar ingénuo e efabulador duma criança de 9 anos que foge de casa na noite de 24 de Abril de 74. Trata-se dum filme poético em que a factualidade perde para a metáfora. A aventura de liberdade da criança corre em paralelo e cruza-se no final com a aventura coletiva de liberdade dum país. E essa aventura coletiva é entendida como um episódio da sua história pessoal. Como foi, de facto, sem efabulações, um episódio chave da história pessoal de todos nós.

Carla Simões